

A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA NA ÁREA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL.

Vanessa Fontenele Magalhães.

RESUMO

O trabalho que segue buscou explicar a respeito da atuação do profissional da Psicologia na área da Assistência Social, segundo os dados obtidos em uma entrevista com uma psicóloga que atua na área. Os resultados consistem em práticas que vão além das ensinadas nos cursos de Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia Social; Assistência Social; Atuação da Psicologia.

INTRODUÇÃO:

O presente relatório foi desenvolvido para apresentar a respeito de uma entrevista realizada com uma psicóloga da área social, que tem sua atuação no Centro de Referências de Assistência Social II – (CRAS II), da cidade de Granja, no Ceará, onde a mesma tem sua atuação há dois anos. Tendo esta entrevista o objetivo de nos inserir um pouco na realidade de atuação de tantos psicólogos que trabalham na área da assistência social.

Ao realizarmos esta entrevista foi bastante proveitoso para nós entendermos como de fato o psicólogo tem sua atuação, através deste trabalho podemos ver de perto quais são as aflições, angustias e expectativas dessa profissional da Psicologia que atua na área da assistência social, que afinal é mais um caminho novo para a Psicologia. E de fato podemos vislumbrar que apenas o que aprendemos na faculdade é pouco para nossa formação como profissional qualificado, e percebemos o quão importante é irmos a campo para conhecer de perto a realidade da nossa futura profissão.

DESENVOLVIMENTO

Através da demanda de realizar uma entrevista com um profissional de Psicologia que atuasse na área social, nós atentamos ao fato do crescimento que este profissional vem obtendo no campo das políticas públicas de assistência e realizamos nossa entrevista com a profissional de Psicologia que trabalha no Centro de Referências de Assistência Social, o CRAS II, na cidade de Granja, Ceará.

Importante estabelecer que a inserção do profissional da Psicologia nas políticas de assistência social se deu através do SUAS – Sistema Único de Assistência Social, onde os psicólogos estão realizando o seu exercício nas equipes dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e também nos Centro de Referência Especializado de Assistência Social, o CREAS. (MDS, 2004). O profissional da Psicologia ainda está em constante busca da construção do seu espaço na área da assistência social, ainda há muito o que ser construído e muito o que ser debatido para entendermos como, de melhor forma, a Psicologia pode trazer contribuições para a área da Assistência Social, pois não basta apenas inserir esses profissionais nesses centros de assistência, é necessário que haja uma formação mais precisa e coberta por visões críticas sobre a realidade social e política.

Em relação ao que obtivemos na entrevista e conseguimos relacionar com o nosso referencial teórico estudado parte da fala da psicóloga a respeito da dificuldade que a mesma encontra:

“As dificuldades na assistência é a questão do entendimento que algumas pessoas na área de assistência não têm em relação com a humanização, do trato com o próprio usuário, não que o Assistente Social não tenha o trato, mas como o trabalho deles é um pouco mais mecânico a gente encontra dificuldade em fazer um trabalho conjunto, porque a gente tem aquela noção de que deve ter um trato mais humanizado, mais diretivo, ter mais cuidado com o usuário. E eles são um pouco mais enfáticos”.

Relaciona-se, enfim com o trecho em que diz: “Desta inserção no campo da Assistência Social decorrem inúmeros desafios para o profissional de Psicologia. Em 2005, Senra conduziu um estudo em que os psicólogos da rede municipal de assistência puderam relatar as dificuldades encontradas em sua prática, considerando, sobretudo, uma formação pouco embasada na realidade

de atuação da Psicologia Social. Os resultados desse trabalho apontaram para uma tensão entre o papel profissional do psicólogo e do assistente social diante das demandas do campo de trabalho. O trabalho conjunto entre estes dois profissionais (Serviço Social e Psicologia) constitui-se como um ponto de conflito gerando dúvidas quanto à complementaridade ou a especificidade em relação a sua atuação. Psicólogos e Assistentes Sociais questionam-se uns aos outros sobre seus papéis e funções diante da realidade com que têm que lidar no cotidiano do trabalho. Diante dos questionamentos, surgem inúmeras dificuldades quanto às possibilidades de intervenção no campo sem que sejam aprofundadas de modo coletivo (Senra, 2005).” (p. 294 e 295).

Outra fala da entrevistada que podemos contrastar, seria:

“[...] Outro problema que eu encontro é que na assistência não tem uma definição exata para a área da Psicologia, ou seja, a gente está meio que se inserindo e tentando construir o nosso espaço dentro da assistência [...]”.

Onde no referencial teórico que estudado encontra-se: “No entanto, a entrada em campos como o da política social força-lhe a reaprender a fazer e pensar Psicologia”. (Yamamoto & Paiva, 2010, p.155). Ou seja, por anteriormente, em suas raízes, a profissão da Psicologia ser realizada de forma muito individualizada, trás para essa nova forma de atuar uma visão mais crítica e elaborada de como se deve atuar em um contexto social como um todo. Através desta fala também podemos perceber o quanto a elitização da Psicologia tem relação com essa falta que se estabelece na área da assistência social. “A Psicologia constituiu-se como um poderoso instrumento da ideologia burguesa a serviço da sociedade capitalista, sobretudo no Brasil onde majoritariamente se voltou à caracterização de um profissional liberal focado no indivíduo isolado de seu contexto social.

A fala a seguinte da entrevistada sobre a diferença no manejo profissional:

“[...] O que diferencia é que, por exemplo, na assistência social a gente não pode fazer atendimento, nenhum tipo de atendimento, a gente só faz orientação, o atendimento individualizado com a família que acontece nesta sala e a gente não pode fazer processo terapêutico, intervenção terapêutica nenhuma. [...] e quando a gente está na Universidade, somos basicamente formados para fazer a intervenção terapêutica e esse é o grande diferencial que eu encontro”.

Ao lermos este trecho da entrevista podemos relacionar com o trecho presente no artigo, onde Yamamoto aponta que “atuar com compromisso significa não somente superar o elitismo, mas dirigir a ação para rumos diferentes daqueles que têm consagrado a Psicologia”. (Yamamoto, 2007, p.34). Ou seja, em nossa visão o profissional da Psicologia poderia atuar de acordo com o que lhe foi ensinado, porém, com o cuidado de não tornar este atendimento de forma totalmente individualizada, tendo sempre que atentar ao fato de que é necessário olhar todo o contexto social que aquele indivíduo analisado está inserido.

A respeito dos referenciais teóricos mencionados pela profissional de Psicologia, para a realização de seu trabalho, ela mencionou que não possui uma bagagem especializada na área de Psicologia Comunitária e Social, que ainda iria atrás dessa especialização. Mencionou que o referencial teórico que lhe auxilia para a atuação do seu trabalho diz respeito aos manuais distribuídos pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), onde esses mesmos são de fácil acesso a qualquer pessoa, através do site do MDS e são bem diretivos ao exercício específico de cada profissional que trabalha na assistência, contendo orientações de como proceder nos trabalhos que serão feitos.

De acordo com o que pudemos observar no decorrer desta entrevista é que, de fato, o profissional da Psicologia que se encontra inserido na área de assistência social, ainda encontra-se meio que praticando seu exercício com o que lhe é possível e também construindo a história da profissão em tal área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O acesso a essa profissional da Psicologia foi de fácil contato, não houve qualquer empecilho que dificultasse a realização da entrevista, ao chegar ao CRAS II da cidade de Granja, fui bem acolhida pela profissional que nos concedeu a entrevista.

A realização desta entrevista foi, de fato, enriquecedora para mim, estudante de Psicologia, através dela obtive um contato maior e mais próximo da realidade que me espera e, possivelmente, do futuro campo de trabalho que atuarei.

REFERÊNCIAS

SENRA, C.M.G.; GUZZO, R.S.Lobo. **Assistência social e psicologia: sobre as tensões e conflitos do psicólogo no cotidiano do serviço público.** *Psicol. Soc.* [online]. 2012, vol.24, n.2, pp. 293-299.

ANEXOS (Relato da Entrevista)

Nome: Joana (nome fictício)

Idade: 27

Sexo: Feminino.

Tempo de Conclusão do Curso de Graduação em Psicologia: 05 anos.

Local de Atuação: CRAS II.

Tempo de Atuação: 02 anos.

1- Como você me descreveria seu exercício profissional hoje?

“O trabalho do psicólogo na parte social é fazer orientação a respeito das questões que o assistente social não tem tanta formação. Quando você pega uma família em conflito normalmente o assistente social articula para que a família tenha acesso aos serviços da assistência, tipo ao Serviço de Convivência, ao PAIF, aos benefícios eventuais. O psicólogo faz uma orientação para que a família volte a se reestruturar, para que haja realmente o fortalecimento dos vínculos. Porque normalmente quando uma família precisa do CRAS ou do CREAS, da assistência como um todo, ela está com os vínculos rompidos; conflito entre pai e filho, entre esposo, alguém da família. O nosso trabalho na assistência é fazer um trabalho de orientação com essa família e acompanhamento para que esses vínculos sejam reconstruídos. Aí ou encaminha para os outros setores, como saúde, fórum, essas coisas, mas fazendo a intervenção inicial com a família”.

2- Há quanto tempo você desempenha esta função?

“Dois anos. Eu já sou psicóloga há dois anos”.

3- Quais são as principais dificuldades e facilidades que você enfrenta para o desempenho do seu trabalho?

“As dificuldades na assistência é a questão do entendimento que algumas pessoas na área de assistência não têm em relação com a humanização, do trato com o próprio usuário, não que o Assistente Social não tenha o trato, mas

como o trabalho deles é um pouco mais mecânico a gente encontra dificuldade em fazer um trabalho conjunto, porque a gente tem aquela noção de que deve ter um trato mais humanizado, mais diretivo, ter mais cuidado com o usuário. E eles são um pouco mais enfáticos. Esse é um dos problemas que eu encontro. Outro problema que eu encontro é que na assistência não tem uma definição exata para a área da Psicologia, ou seja, a gente está meio que se inserindo e tentando construir o nosso espaço dentro da assistência, mas não é tão difícil. Se você encontrar pessoas que realmente te deem abertura para desenvolver você consegue fazer um bom acompanhamento com as famílias. Eu, particularmente, desenvolvo um projeto com os jovens, que era o antigo Pro-Jovem, agora aqui em Granja chama Estação Juventude, que a minha maior dificuldade foi essa, encontrar pessoas que me ajudassem a articular o trabalho de uma forma mais voltada pra nossa área, mas que hoje em dia eu já consigo desenvolver melhor o trabalho. Só esta questão de colaboração mesmo que seria a maior dificuldade.

As facilidades... existe no sentido de que tem abertura pra gente entrar. A partir do momento que a assistência abriu porta para que a gente pudesse contratar psicólogos... por exemplo, a gente precisa muito de Terapeuta Ocupacional, ainda não tem, é muito difícil você encontrar um Terapeuta Ocupacional contratado para a Assistência Social, a partir do momento em que a assistência abriu espaço para contratar este profissional, inserir ele dentro do sistema, eu acredito que isso já foi um grande conquista para nossa categoria, até porque a área da assistência é uma área apaixonante, eu era mais voltada para a área de Organizacional, mas quando eu comecei a atuar aqui, eu acho que não quero mais sair, porque você vê que realmente pode fazer muito pelas famílias que precisam. Então a maior facilidade que encontrei foi a abertura, a aceitação da própria assistência para nossa categoria”.

4- Em sua opinião, qual o referencial teórico que lhe auxilia para o exercício do seu trabalho?

“Na área da Psicologia Comunitária e Social eu não me especializei ainda, eu vou buscar especialização, o que a gente se referencia teoricamente são os próprios manuais do MDS, é o Ministério do Desenvolvimento Social, que são as

orientações, os manuais mesmo que direcionam o nosso trabalho. O referencial teórico que eu tenho pra trabalhar dentro da assistência é esse, que ele é acessível a qualquer pessoa no site da MDS, as pessoas que entram na assistência têm que ter acesso a esse tipo de material, são seis ou sete manuais que explicam todo o serviço que tem que ser desenvolvido e direcionam a gente para nossa área específica, nossa atuação específica dentro da assistência. Basicamente é esse o meu referencial teórico”.

5- Você considera que há uma ligação entre o que realiza em seu trabalho e os conteúdos relativos à Psicologia Social? Justifique.

“Há no sentido de que eles norteiam, quando estamos na Universidade nós passamos pela noção do que é, aí você se direciona para entrar ou não naquela área. Eu acredito que na atuação é muito mais amplo do que os próprios conteúdos, acredito não, é realmente muito mais amplo, a realidade é mesmo muito diferente, mas há sim uma relação, a gente consegue se orientar e se basear bastante pelas disciplinas próprias da área. O que diferencia é que por exemplo, na assistência social a gente não pode fazer atendimento, nenhum tipo de atendimento, a gente só faz orientação, o atendimento individualizado com a família que acontece nesta sala e a gente não pode fazer processo terapêutico, intervenção terapêutica nenhuma. Aqui em Granja só tem o profissional de Psicologia também no CAPS, a gente tem sempre que encaminhar pra ele quando a gente vê a necessidade de um trato mais terapêutico, e quando a gente está na Universidade, somos basicamente formados para fazer a intervenção terapêutica e esse é o grande diferencial que eu encontro”.